

Vida e obra de José Espínola Veiga  
*por Eva Serra e Marcelo de Moura*

José Espínola Veiga nasceu na Zona Norte do Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1906. Aos 5 anos foi para o colégio do professor Mamede Freire, que era cego e dirigia um colégio de pessoas com visão normal. Lá ele começou a ler pelo Sistema Braille. Aos oito anos, José Espínola Veiga foi matriculado no Instituto Benjamin Constant, já sabendo ler e fazer as quatro operações. Na época, era o aluno mais novo do IBC.

Terminou o curso e procurou se aperfeiçoar em línguas: francês e inglês.  
1927

Ingressou no magistério, lecionando as duas línguas, porém, por conveniência do instituto, ficou como professor de inglês.  
1928

Fundou, no Méier, um colégio para alunos com visão normal fazerem prova de ingresso no Serviço Público e outros empregos em geral (Liceu Popular).  
1936

Orientou a fundação do Instituto de Cegos da Bahia e, mais tarde, o Instituto de Cegos de Novo Horizonte (São Paulo).  
1938

Montou um Centro de Aprendizado de Línguas, instalando aparelhagem com discos gravados por leitores na língua de origem, fazendo vir do exterior textos para o aluno acompanhar a leitura.  
1942

Conseguiu os primeiros empregos para cegos no Serviço Público e demonstrou que o cego podia fazer curso superior. Nesse mesmo ano, encaminhou as primeiras crianças cegas à escola comum (Escola Minas Gerais) e criou a primeira Revista para Cegos do Brasil.  
1944

Criou modificações na mesa telefônica do IBC, "Telefone Musical", para provar que o cego podia ser telefonista. Mais tarde, por essa iniciativa do Prof. Veiga, outros melhoramentos foram surgindo, e hoje muitos cegos trabalham como telefonistas no Brasil.  
1945

Fundou um colégio para alunos com visão normal que ele denominou de Curso Mauá, em Cascadura (Rio de Janeiro).  
1951

Organizou no IBC o 1º Curso de Aperfeiçoamento de Professores para Cegos; demonstrou que o cego podia votar.

José Espínola Veiga foi empresário de som, representando no Brasil os melhores equipamentos da Europa; possuiu uma granja por mais de vinte anos.

Fez cinco viagens ao exterior, sempre visitando as organizações de cegos e trazendo de lá tudo que pudesse melhorar a sorte dos companheiros cegos.  
Membro da Academia Petropolitana de Educação, é autor de dois livros publicados pela José Olímpio Editora: "A vida de quem não vê" e "O que é ser cego". Tradutor de duas obras de Helen Keller: "História de minha vida" e "Minha vida de mulher".

Escreveu sobre educação de cegos em vários jornais do Rio de Janeiro. Faleceu de insuficiência respiratória no dia 5 de fevereiro de 1998 na Beneficência Portuguesa, no Rio de Janeiro.